

Suplemento

amazônia



JUDAICA

Ano 3 – No. 8 - Edição Especial 80 anos da Shaar Hashamaim – Dezembro 2020

Shaar Hashamaim: UMA PORTA PARA O CÉU

ZEJÚT ABOT

Concurso inédito de Haquitia



Congratula-se com o Kahal Kadosh da Sinagoga Shaar Hashamaim pelo transcurso dos 80 anos da inauguração do seu majestoso Templo.

-  **Castanha-do-Brasil**
-  **Semente de Cumarú**
-  **Guaraná em Grão**
-  **Bálsamo de Copaíba**
-  **Óleo de Castanha-do-Brasil**
-  **Bálsamo de Andiroba**



Rua Justo Chermont, 194 - Centro – Óbidos – Pará – Cep. 68250-000
Tel. (91) 99177-8807 – Whats App – (91) 99221-6496
Rua Gaspar Viana, 354 – Campina – Belém – Pará – Cep. 66010-060
contato@caiba.com.br – www.caiba.com.br

EDITORIAL

Há muito o que esperar para o ano 2021, como a salvação contra o vírus que levou para o outro mundo tanta e tanta gente! Vamos aguardar a vacina ou as vacinas, com esperança e boas vibrações! Enquanto isto, podemos nos informar sobre alguns tópicos que nos distrairão um pouco da expectativa da vacina. Vamos ler, neste número, como é passar um *Shabat* (a cerimônia de dar as boas vindas ao sábado judaico) num dialeto muito querido pelos sefarditas: a Haquitia. Uma pena que esteja desaparecendo, pois as pessoas que mais o praticavam diminuíram bastante em número, eram principalmente os judeus marroquinos. Ensinavam a outros, mas os falantes genuínos, nascidos e crescidos entre o árabe, o francês, o espanhol e o ladino, ah, estes sim, falavam com desembaraço a haquitia. Leiam o artigo nesta edição. Vão gostar!

Outro artigo agradável é o que se refere a *Shaar Hashamaim*, uma “esnoga”! Linda palavra, que antecipou, por séculos, entre os refugiados da Inquisição, o que hoje conhecemos como ‘sinagoga’. O artigo conta a história da quase centenária esnoga fundada no Pará, por abnegados marroquinos e seus descendentes, começando pela família Benzecry, em conjunto com outras famílias. Foi o primeiro dos Benzecry que foi buscar um arquiteto italiano para projetar a esnoga *Shaar Hashamaim*, que teve de voltar para a Itália com o surgimento do fascismo. Mas a ideia não parou aí. Para completar o projeto e fazer a sinagoga erguer-se, foi convidado o arquiteto paraense Judah Levy (que vem a ser um dos irmãos da escritora Sultana Levy Rosenblatt), que aceitou o convite e... lá está essa maravilha arquitetônica! Ela está de pé e seu perfil biográfico, por assim dizer, é completado nesta edição, num artigo assinado pelo (agora falecido) sr. Reubem Tobelem. Razões de sobra para festejar a vida de uma esnoga tão linda como essa, admirada e amada por todas as gerações que por ela passaram e que acolhe a geração atual!

Outro assunto de interesse, exposto nesta edição, é o Aviso da Redação. Vejam lá o que nos espera para 2021. Mais uma boa adição aos nossos meios de comunicação com nossos leitores. Uma ótima surpresa! Aproveitamos para agradecer a todos que nos têm enviado e-mail nos parabenizando por nossas edições. Suas palavras são balsâmicas para nós, na Redação que, tanto quanto vocês, amamos a nossa história como sefarditas, como judeus na

Amazônia e neste maravilhoso país, o nosso Brasil. Todos os países do mundo têm problemas, não somos exceção. Mas nenhum deve ser tão amado como este nosso, verdade? Enfrentamos nossos problemas com fé e esperança em dias melhores, mesmo com máscaras e isolamento. Boas leituras para todos! Dias iluminados virão!

A Festa das Luzes (Chanuká – leia-se: Ranucá) nos indica os caminhos!

A Redação

ÍNDICE

04 CAPA

Shaar Hashamaim: 80 anos de uma fé inabalável

10 LEGADO

Zejút Abot: Festival inédito de haquitia

14 CRÔNICA

Um Shabat em haquitia

18 FUTURO

Como será 2021?

amazônia
JUDAICA

Diretor de Edição: Elias Salgado | Editora Executiva: Regina Igel | Diretor de Arte e Design: Eddy Zlotnitzki | **Imagens históricas:** Acervo pessoal de Anne Benzecry Benchimol | **Amazônia Judaica é uma publicação da TALU CULTURAL** | Sites: www.talucultural.com.br | www.amazoniajudaica.org | Emails: contato@talucultural.com.br | ed.amazoniajudaica@gmail.com

A ESNOGA SHAAR HASHAMAIM

80 ANOS DE UMA FÉ INABALÁVEL

Quem ouve falar em Amazônia, automaticamente coloca a imaginação em funcionamento. Imagens de um outro mundo surgem em sua mente: selva, rios sem fim, igarapés, riqueza e diversidade de fauna e flora e, claro, cobras, onças pintadas, jacarés, macacos e índios



Já seria muito encontrar uma resposta para a pergunta: “Mas o que vieram fazer judeus na Amazônia?” Bem, há tempos que vários de nós nos dedicamos a pesquisar o assunto a fim de tentar responder a esta pergunta.

O mais importante, interessante e muitas vezes surpreendente, é conhecer e lembrar o que fizeram aqueles abnegados pioneiros que por aqui aportaram, trazendo consigo um imenso legado de memórias, tradições e fé, para por aqui perpetuar sua herança milenar.

Entre lendas, mitos, realidade e testemunho, caminha a nossa trajetória. Ela é longa no tempo, longuíssima. Porém, mais que pelo tempo, ela é marcada por feitos. E os que marcaram tal caminhada histórica foram, inúmeras vezes, impulsionados pela abnegação e pela fé inquebrantável de nossos antepassados. Não fossem eles e seus atos, talvez não estivéssemos aqui para contá-los.

A luta pela construção de um templo para a esnoga Shaar HaShamaim é um destes momentos gloriosos da abnegação e da fé inabalável desses homens, heróis de um tempo que hoje nos soa quase mítico. Está certamente entre os mais emocionantes e marcantes feitos da comunidade.

Por todas estas razões, o **Suplemento Universo Amazônia Judaica** traz, em sua matéria de capa, um pouco da história da construção desta verdadeira “Porta da Fé” no coração da Amazônia.

- ▶ Não estivesse lá este tesouro de pé a testemunhar o ato de seus fundadores, talvez sua existência fosse tratada como mais uma das inúmeras lendas dos seres da floresta...

SHAAR HASHAMAIM: Luta, abnegação e muita fé na construção do “tesouro” da *kehilá* (comunidade) de Belém

Como conta nosso ilustre Prof. Samuel Benchimol em sua valiosa obra *Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia*, após a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, declarada por Dom Pedro I e, em seguida pela Constituição Imperial de 1824, o Catolicismo foi reconhecido como a religião oficial do Brasil.

Para muitos não católicos, isto poderia ser um mau sinal, no entanto, esta mesma Constituição permitiu a outras religiões que mantivessem o seu culto em casas particulares que não tinham forma alguma de templo. Benchimol cita que era “uma espécie de semi-clandestinidade legal para salvar as aparências”. Resumidamente, desta maneira, as sinagogas poderiam funcionar em casas particulares, como realmente aconteceu, logo no início da imigração sefardita marroquina para Belém. Foi nesta época que surgiram as primeiras sinagogas do Brasil Independente – Essel (Eshel) Abraham, em 1823 ou 1824 e Shaar HaShamaim, em 1826 ou 1828.

Em 1890, com a Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil e pelo Decreto 119, baixado pelo governo provisório, ficou abolida a união legal da Igreja com o Estado e se instituiu o princípio da liberdade de culto. A Sinagoga Shaar HaShamaim, que



bem provavelmente funcionava desde 1826 ou 1828, na residência da família do Sr. Leão Israel, seu fundador, na antiga Rua da Indústria, hoje Gaspar Viana, foi talvez a primeira a se beneficiar do novo estatuto legal.

Devemos entender que, apesar das contradições existentes sobre a data de fundação, pelo menos no que diz respeito ao seu fundador, o Sr. Leão Israel, não existem dúvidas.

Pioneiro entre os imigrantes marroquinos, sabe-se que muito fez em prol da preservação e continuidade da cultura e tradição judaicas que trouxe consigo do Marrocos.

Nosso objetivo, no entanto, é contar-lhes ou mesmo mostrar-lhes através de fotos, documentos e depoimentos, sobre o grande tesouro que os judeus amazônidas guardam em seus corações.

Conforme nos contam Márcia Barcessat e Deborah Aben-Athar, em seu trabalho de pesquisa sobre a História da Sinagoga Shaar HaShamaim e também como enfatiza Débora Serruya em sua monografia apresentada ao Curso de Especialização Memória e História da Arte, desde 1927 já existia, no seio da comunidade, a intenção de construir um Templo mais apropriado para abrigar a sinagoga.

A comunidade crescera e a casa da Rua Frutuoso Guimarães, onde à época funcionava a sinagoga, ficara pequena frente ao elevado número de frequentadores assíduos. Logicamente, proporcionaria também grande orgulho aos seus fundadores e descendentes, ver um Templo próprio ser construído, especialmente, para abrigar a então centenária Shaar HaShamaim.

Em janeiro de 1928, o primeiro passo parece ter sido dado pela Diretoria da Sinagoga, através do então presidente, Sr. Jacob Messod Benzecry, que registrou no Cartório de

▶ Documentos históricos



Carta de fundação da Sinagoga



Convite para a inauguração



Nota promissória usada para pagar a construção da sinagoga

▶ Registro especial de Títulos e Documentos, a nossa querida Sinagoga Shaar HaShamaim, no dia 27 de janeiro daquele ano.

A partir daí, o terreno escolhido, situado à Rua Arcipreste Manoel Teodoro, deveria ser adquirido. Muitas famílias contribuíram para a compra do mesmo, em especial a família Pinto, que fez valiosa contribuição.

O início da construção do Templo

Passaram-se alguns anos quando, em 1932, o sr. Messod Jacob Benzecry, retornando da Itália, trouxe em sua bagagem o projeto arquitetônico de Hugo Furine, arquiteto italiano. Não somente a planta, mas também o próprio arquiteto foi trazido pela família Benzecry para dar início à construção deste “tesouro”.

Com seu estilo mourisco, ela seria uma réplica da Sinagoga de Florença, na Itália, situada à Rua Farine, 4. Como administrador da obra e um de seus empenhados batalhadores, estava o Sr. Isaac Tobelem, que desempenhou seu trabalho arduamente, sendo o verdadeiro responsável pela execução do projeto.



Mas os problemas começaram a surgir: primeiramente, o financiamento. A obra tornou-se imensa e, conseqüentemente, o seu custo também, tanto que, por volta de 1935/36, a construção foi interrompida. Neste meio tempo, um outro problema tornava o sonho ainda mais difícil de se concretizar: o arquiteto Hugo Furine é chamado de volta à Itália pelo então cônsul italiano, em virtude de o Fascismo de Mussolini ter entrado em guerra com a Abissínia.

A conclusão da obra e sua inauguração

Com poucas esperanças, o capim tomando conta do esqueleto arquitetônico da obra, que ainda nem possuía a sua cúpula, surge o jovem engenheiro paraense Judah Eliezer Levy.

Convidado a participar da luta dos abnegados que ainda sonhavam em concluir os trabalhos de construção do Templo, o Dr. Judah brilhantemente deu continuidade ao trabalho de Furine, preservando o estilo europeu e mourisco do projeto original.

Sanado o problema de engenharia, faltava agora resolver o déficit financeiro. Este também foi solucionado através de compromissos pessoais assumidos por alguns integrantes da Comissão de Construção.

O Sr. Jacob Benzecry, juntamente com seu filho Messod, coordenavam e controlavam os empréstimos contraídos pela Comissão. Os mesmos ficavam documentados em notas promissórias que seriam resgatadas posteriormente. Assim foram reiniciados os trabalhos e o empenho era tanto, que em pouco mais de dois anos, o esforço de todos foi recompensado.

No dia 8 de outubro de 1940, a primeira sinagoga do Norte do Brasil teve seu Templo inaugurado. Este tesouro é, até hoje, e será por muitos anos, motivo de orgulho para todos os judeus da região.



MESSOD JACOB BENZECRY
o grande Idealizador
e empreendedor

JUDAH ELIEZER LEVY
o engenheiro que
concluiu a obra

ISAAC TOBELEM
o verdadeiro construtor,
o mestre-de-obra

Shaar hashamaim e seus fundadores

Por Reubem Tobelem

Foi Yaacov Avinu quem, pela primeira vez, pronunciou as palavras *Shaar HaShamaim*. Isso aconteceu na *Parashá Vaiezté*, versículo 17, capítulo 18.

Essa referência deve ter servido de inspiração para os fundadores dos templos de *Shaar HaShamaim* em diversas comunidades do mundo. O daqui, entretanto, acha-se cercado de certas peculiaridades que passamos a relatar. O seu fundador chamava-se Leon Israel. Ora, Leon em hebraico vem a ser Yehudá que, na Torá, foi o quarto filho de Yaacov. Quando da construção do Templo que se acha erguido na rua Arcipreste Manoel Teodoro, recordaremos que os principais envolvidos em sua edificação foram: Messod Jacob Benzecry, Jacob Messod Benzecry, Isaac Tobelem e José Azulay, Aleihem HaShalom, não obstante ter havido um certo número de pessoas que muito colaboraram naquela majestosa obra.

Messod, o primeiro deles, foi o principal responsável pela vinda do arquiteto italiano Hugo Furline. Foi ele quem viajou à Itália e trouxe Furline e a planta da tão sonhada sinagoga. Vamos, pois, verificar que os nomes de três dos quatro personagens citados, tal como os fundadores, o Sr. Judá Israel e ainda o Dr. Judáh Eliezer Levy - o engenheiro que concluiu a obra – todos fazem parte integral da família de Yaacov Avinu.

Há uma outra particularidade que cerca os

nomes daqueles personagens. É que quase todos eles principiam com a letra “yod”: Yehudá o fundador, Yaacov Benzecry, Ytzchak Tobelem, Yosef Azulay e, finalmente, Yehudá, o último “yod”, nem por isso menos importante, a completar a divina seqüência de um quinteto que ajudou a dar à *Kehilá* de Belém do Pará, um dos mais lindos templos existentes no Brasil.

Materialmente falando, a construção do templo era praticamente impossível. O número de famílias existentes em Belém, naquela ocasião não autorizava sequer a execução de tal projeto, quanto mais a sua edificação. Mas a fé inquebrantável em D’us fez com que a união daqueles cinco “yodim”, encontrasse força e inspiração para levar a cabo a nobre *mitzvá* que lhes foi confiada, por quem também ostenta em seu nome a minúscula letra “yod” – HAKADOSH BARUCH HU!

Eis aí um dos milagres de que é pródigo o povo judeu. À construção do templo Shaar HaShamaim somam-se muitos outros, como: o sacrifício de Isaac, a passagem do Mar Vermelho, Chanuká, a Guerra dos Seis Dias e tantos outros que fogem à nossa lembrança, mas que estarão sempre acontecendo em consequência única de nossa fé inabalável no D’us de Abraham, Isaac e Jacob.

(*) Reubem Tobelem (z’l) – ex diretor de Culto da Sinagoga Shel Guemilut Hassadim do Rio de Janeiro.

I ZEJUT ABOT: FESTIVAL INÉDITO DE HAQUITIA

Por Dr. Sergio Benchimol



Idealizado pelo Dr. Sergio Benchimol, grande incentivador da tradição e da cultura sefardi-marroquina, o **Zejut Abot – Festival de Haquitia** - veio para ficar. Leiam, a seguir, sobre o entusiasmo e emoção do Dr. Sergio Benchimol, ao descrever o que é o dialeto Haquitia, os motivos que o levaram à realização deste Festival e, finalmente, o lançamento de um concurso em homenagem a seus pais, as regras e os prêmios:

Prezados amigos da Haquitia: Cresci, como muitos de vocês, ouvindo em casa palavras diferentes, com uma sonoridade curiosa, meio misteriosa, humorística, de uso secreto para não ser entendido por estranhos.

Não era português, mas eu entendia, parecia um espanhol com pitadas de árabe e hebraico. E é exatamente isso que é a nossa Haquitia.

De oficial, só conheço o dicionário do General Abraham Ramiro Bentes, ex-presidente da *Shel Guimelut Hassadim*, sinagoga mais antiga do Rio de Janeiro (foi fundada por D. Pedro II). Nunca tivemos uma liturgia própria ou literatura, poesias, como nossos “primos ricos”,

o Ladino e o ídiche. Mas nunca é tarde. Haquitia é um dialeto caseiro, “de los nuestros”. É usado praticamente em casa e na sinagoga. Seria uma pena não dar aos nossos filhos e netos a chance de aprender um pouco sobre essa pequena joia cultural e muito nossa. Pensando assim, me ocorreu sugerir ao Amazônia Judaica um Festival de Haquitia, ideia que foi prontamente aceita. Nosso objetivo maior é estimular a curiosidade dos jovens e resgatar pérolas perdidas. Haverá um concurso, e o prêmio, uma coleção de gravuras da pintora Donna Benchimol, uma medalha e um certificado de participação para os primeiros três lugares. Será uma forma singela de homenagear meu pai que em 2021 completaria 100 anos e minha mãe, cuja *Mismará* (comemoração) de um ano será no próximo *Tu BeAv*, também em 2021. Conto com a ajuda do incansável Elias Salgado, verdadeiro herói na luta pela preservação de nossa história em cada um de seus muitos projetos junto com seu querido irmão David Salgado.

Convido a todos a participarem do *I Zejút Abot – Festival de Haquitia* - enviando textos, frases, poesias, histórias ou vídeos em Haquitia. O tema é livre.

Dr. Sergio escreve com emoção sobre seus pais, Rafael e Donna Benchimol, os homenageados do Zejút Abot – I Festival de Haquitia:

Meus pais Raphael e Donna Benchimol. Exemplo de Vida e Amor, incondicional e transbordante. Com muita Dedicção e Afeto. A união da capacidade de trabalho e criatividade. Criaram objetivos na vida juntos, com inspiração, transpiração e realização. ▶



Donna e Dr. Rafael Benchimol z"l – De Abençoadas Memórias

(*Hochmá, Biná e Daat*). Com muito Estudo, Trabalho e Boas Ações. (*Torah, Avodá e Guemilut Hassadim*). Sempre prezaram a Tradição, a Inovação. Nos deram Liberdade, Responsabilidade e Alegria. Assim como Deus nos deu *Pessach, Sucot e Shavuot*. Levaram a vida com entusiasmo e coragem para superar os desafios. Um casal 20, pois nasceram nos anos 20. Um casal nota 10, pais nota 10. Apaixonados até os últimos momentos. Uma alegria e uma honra ser filho deles. Um Amor infinito.

REGRAS:

- **LANÇAMENTO DEZEMBRO 2020 – CHANUKÁ (Festa das Luzes).**
- **PRAZO PARA ENVIO MATERIAL (TEXTO OU VÍDEO) – SHAVUOT – 5781 - 15 DE MAIO de 2021 NACHALÁ (Legado) DE RAFAEL BENCHIMOL.**
- **PREMIAÇÃO: EM TU BEAV (24 DE JULHO) – MISMARÁ DE DONNA BENCHIMOL.**
- **OS PARTICIPANTES PODEM CONCORRER COM UM TEXTO OU VÍDEO DE ATÉ 1,5 MINUTOS.**
- **O CONTEÚDO PODE SER TOTALMENTE EM HAQUITIA OU APENAS PARCIAL. O TEMA É LIVRE.**
- **MODALIDADES: Poesia, conto, crônica, interpretação de músicas em haquitia.**
- **Cada participante pode enviar até 2 trabalhos por modalidade.**

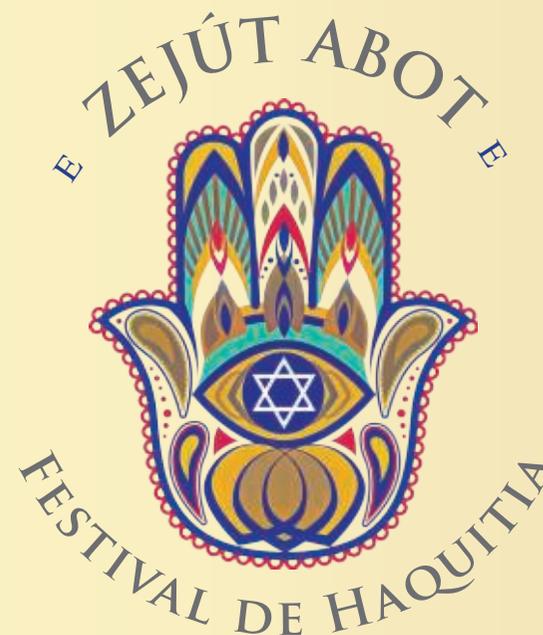
PREMIAÇÃO:

- 1º lugar – Coleção de gravuras da premiada artista plástica Donna Denchimol, medalha e certificado de participação;
- 2º lugar – Medalha e certificado;
- 3º lugar – Medalha e certificado.

**EMPRESAS QUE APOIAM O EVENTO
(EM ORDEM ALFABÉTICA)**
Amazônia Judaica
Benoptic
Clínica de Olhos Benchimol
Centro de Microcirurgia Benchimol
Laor Vision

PÁGINA OURO

Agradecemos às empresas, instituições, famílias e pessoas que apoiam nossa idéia e incentivam nosso evento*



FAMÍLIAS E PESSOAS (POR ORDEM ALFABÉTICA)

Abraham Bohadana
 Abraham Serrulha
 Dra. Adriana e Kaluf Duek
 Anne e Jaime Benchimol e família
 Amanda e Gerson Eissen
 Celeste Pinto Serruya e família
 Eddy Zlotnitzki
 Dra. Eliana e Dr. Michel Ghelman
 Dr. Eliezer e Lia Benchimol
 Família Elmaleh-Salgado
 Dr. Gabriel L. Benchimol
 Dr. Isaac Dahan
 Eng. Jacques Rubim Benchimol
 Karine Sarraf
 Keyla e Mauro Marzochi
 Dr. Luiz Bennyosef
 Eng. Marcelo Rubim Benchimol
 Messody Salgado Bennesby e família
 Dra. Mirelle e Dado Castro Neves
 Dra. Nina Benchimol
 Dr. Raphael L. Benchimol
 Raquelita e Dr. Fortunato Athias
 Profa. Dra. Regina Igel
 Dr. Yehuda Benguigui

EMPRESAS E INSTITUIÇÕES (POR ORDEM ALFABÉTICA)

Amazônia Judaica
 Benoptica
 Ciam
 Cip
 Clínica de Olhos Benchimol
 Centro de Microcirurgia Benchimol
 Grupo Bemol
 Laor Vision

INSTITUIÇÕES (POR ORDEM ALFABÉTICA)

Sinagoga Beth Yaacov – Rebi Meyr - Manaus
 Sinagoga Eshel Avraham - Belém
 Sinagoga Isaac Bennesby – Porto Velho
 Sinagoga Shel Guemilut Hassadim – Rio

* Estas são empresas, instituições, famílias e pessoas que até o momento do fechamento desta Edição Histórica, conseguimos contatar e listar. Porém já sabemos que muitos outras se unirão a nós.

Um *Shabat* em Haquitia

Elias Salgado

Dedicado a Moisés Salgado, nosso querido Moshitinho

“Mais do que Israel cuidou do Shabat, o Shabat cuidou do Povo de Israel”



O ano era 1975. O lugar, a Escola Mossinzon em Magdiel, Israel. Ali quase absolutamente tudo era novo para ele e muito do que via, ouvia e lhe acontecia se dava por primeira vez em sua jovem vida. Naquele lugar, no coração daquele minúsculo país, com apenas 27 anos de vida renascida, respirou e vivenciou uma nova realidade e um sem fim de novas experiências. Aprendeu, aprendeu muito. Ampliou seus horizontes. Logo ele, vindo lá do distante interior da Floresta Amazônica.

Seu mundo, seu entendimento da vida e o conhecimento e a vivência judaica, se restringiam às práticas das tradições religiosas. Mas um dia foi tomado de um impulso que não lhe surpreendeu e resolveu cruzar o Atlântico e o Mediterrâneo e aterrissar na terra de que até então só ouvira falar em orações na sua esnoga. Na nova escola, aprendeu e praticou de tudo um pouco, exceto as tradições religiosas, que vivenciara até aqueles dias. Aquelas práticas ficaram para trás. Na verdade, adormecidas até o dia em que na aula de literatura judaica foi apresentado a vários poetas, que narravam tudo o que aprendera em seus estudos religiosos, sob um novo olhar.

Mais tarde, ele soube que era a poesia nacional israelense, a poesia da nova terra, da terra redimida pelo trabalho braçal de homens e mulheres e não resultado da redenção divina. Esta ainda está sendo aguardada. Mas, enquanto isto, ele ainda não sabia, milhares de jovens pioneiros deixaram para trás um passado de perseguições, massacres e genocídio, prometendo a si mesmos que não retrocederiam e que nada os deteria. Ele soube que a aquilo tudo, a nova história que vinha sendo escrita enquanto ele respirava, chamavam Sionismo – o

movimento de redenção nacional dos judeus. Foi então que deduziu que, além de judeu, era agora um judeu secular (como sempre foi) e também sionista (sempre foi, sem perceber...). Nunca se perguntou por que possuía aquela enorme paixão pela literatura. Fato é que tinha. E quando o professor de literatura hebraica, Tzvi Yampolsky, começou a apresentar à sua turma romances, contos, crônicas e poemas em hebraico, passou a sentir-se como vivendo em outra dimensão. E aquilo lhe fazia bem, ah! como fazia. Anos depois soube que o que estava vivendo, era a descoberta do adormecido. Que tudo aquilo já estava nele. Entendeu que se tratava do que ele passou a chamar de herança atávica.

Quando mais tarde começou a estudar de maneira mais profunda suas origens ancestrais, foi descobrindo que gerações e gerações dos seus, assim como todos de seu grupo étnico, os judeus sefarditas, liam, cantavam e compunham obras literárias milenares, que atravessaram os séculos chegando até os seus dias. E que a inspiração, a temática e a forma de tais escritas eram de uma riqueza incomensurável e dinâmicas em seu estilo e gênero. E que, portanto, a inspiração que movia seus autores nada mais era do que aquela mesma que movia seus antepassados. E deduziu que fazia parte daquela corrente.

Aprendeu, também, que aquela literatura fora, durante 2000 anos de exílio, escrita em vários idiomas, sendo o hebraico, momentaneamente, restringido aos textos sagrados. E que agora aqueles jovens idealistas haviam decidido que doravante só escreveriam em hebraico. E não aquele hebraico multimilenar, e sim um hebraico moderno, renascido.

Era uma lista de nomes infindável que o

► mestre Yampolsky trazia a cada semana: Ishai Agnon, Nathan Alterman, Lea Goldberg, Amir Guiboa, Hanah Szenes, Iehuda Amichai, Bentzion Tomer, Shaul Tchernichovsky e o grande Chaim Nachman Bialik, o poeta nacional de Israel.

Todos lhe traziam um prazer imenso de ler, mas Bialik e seu poema “*Imi zichroná livrachá*” (“*Minha mãe de abençoada memória*”), lhe causou um enorme impacto e o acompanha até hoje em cada *Kabalat Shabat* (Celebração do Sábado) a partir do instante em que sua amada ilumina a casa ao acender as velas que anunciam a chegada da *kalá*, a amada noiva de todos nós, que visita os lares judaicos do mundo, sempre às sextas-feiras:

“*Lechá Dodi likrat Kalá, pnei Shabat Nekabelá*”

E o que narra Bialik nesse seu poema? Escreve sobre sua mãe, de abençoada memória, uma pobre e humilde viúva e sua fé inabalável. E conta que:

“*Num determinado Shabat, não havia velas nem comida em casa. Procurou e encontrou 2 centavos e pensou: “Pão ou velas”? Optou pelas velas para abençoar. Porém ao acender as velas seu coração dolorido deixou cair uma lágrima e uma das velas se apagou. E ela clamou: estás depreciando, meu Deus, a oferenda de uma viúva? Se pequei, o que faltou ao teu Shabat? E outra lágrima ardente deslizou de seu rosto e, ao cair, a casa se encheu de luz, porque a vela apagada acende.”*”

E assim ele encerra:

A mãe abriu os olhos e a luz de 7 dias os deslumbrou, porque a Shechiná os beijou. Que seu mérito nos alcance, a nós e a todo Israel”.

Por muitos anos pensou que aquela emoção pela qual era tomado toda vez que lia ou lembrava

o poema, logicamente se dava por duas razões óbvias: Primeira, porque o poema realmente é muito belo e emocionante. E segunda, porque o conheceu naqueles tempos tão marcantes de sua juventude.

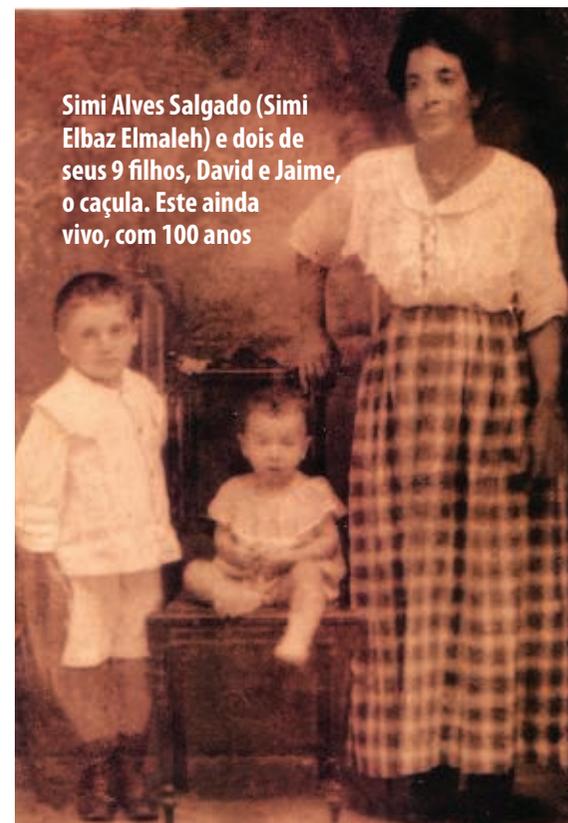
Um dia, preparando uma palestra sobre a santidade do *Shabat*, resolveu reler o poema e nele basear sua fala. Num dado momento de suas reflexões, percebeu que aquela mãe não era a mãe do poeta apenas, mas sim de toda uma nação. E que o *Shabat* era, dos muitos momentos do calendário tradicional judaico, o que mais reafirma a unidade do povo judeu. E lhe ocorreu que aquela abençoada viúva poderia ser sua amada avó, Simi Elbaz, uma sefardita de Tânger.

A única diferença entre elas era que a mãe do poeta certamente falava ídiche, o idioma dos judeus da Europa Central e Oriental, os ashkenazitas. Já sua avó falava o dialeto dos sefarditas do Marrocos, a haquitia.

Resolveu, então, deixar que sua imaginação o levasse em uma mágica viagem a um passado no qual não vivera fisicamente, mas que sempre habitara sua memória afetiva.

Não conheceu sua avó, ela faleceu quando ele era apenas um bebê com 1 ano de vida. Mas sempre escutara seu pai, de abençoada memória, seus tios, tias, e sua mãe contarem passagens da vida simples de sua avó paterna, que muito cedo se tornara viúva.

Simi vivia numa pequena e humilde casinha, na avenida Joaquim Nabuco, no antigo centro de Manaus. A casa, ainda que pequena e muito simples, parecia se tornar um enorme palacete, quando a cada sexta-feira ela recebia com imensa alegria seus filhos, filhas, noras e genros para a cerimônia de *Kabalat Shabat*, seguida de um jantar.



Simi Alves Salgado (Simi Elbaz Elmaleh) e dois de seus 9 filhos, David e Jaime, o caçula. Este ainda vivo, com 100 anos

Como toda boa judia tangerina, ela falava muito mal o português, e, quando falava, era com seu sotaque carregado, de um espanhol mesclado a um árabe bem antigo.

Bem à vontade mesmo, ficava quando estava entre os seus e podiam entre eles falar em haquitia. Ah! aquilo era uma festa:

- Fueron todos meldar en la esnoga?

- Si immá - respondia Alegria.

- Ferazmal David, que estás a chuchear con Anita? Si quieren chuchear que sea hadreando en haquitia.

- Simi, hoje tem Adafina? -- era Miriam, uma de suas noras, a perguntar.

- Y cuando no? Ya está en el adafinero, adafinando desde la mañana. Y ya está mui bien adafinado.

- Y ala kiddús immá, que estamos hambrientos. E assim foram cerca de 3000 *sabbatot* (sábados, em haquitia) que Simi Elbaz Elmaleh

preparou para receber os seus.

E ele, mesmo não estando lá fisicamente, a cada *Sabbát* (sábado, em haquitia) que celebra, retorna à casa de sua avó e por lá corre pelo pequeno quintal, mexe curiosamente nos objetos e fotos antigas. E sempre pergunta a ela quem é aquele senhor barbudo do quadro na parede, sobre o móvel onde estão acesas as velas.

- És Ribí Shimon Bar Iochai HaKadosh, nuestro gran *saddik* (justo, santo, em haquitia) que bendize a las casas nuestras, mi neto.

- Ah! agora entendi *sabta* (avó, em hebraico). *Aba* (pai, em hebraico) está sempre dizendo o nome dele. Eu pensei que era algo com raio – “barioraio”

-- Haha! No, mi neto *endiamantado* (querido). És un *kadóx* (santo).

Ele depois soube que aquela pintura do santo Ribí Shimon Bar Iochai fora trazida do Marrocos por seu avô, o *chacham* (sábio) Eliezer Elmaleh Ben Reuven, e que já pertencia à família havia pelo menos uns 200 anos.

A pintura original trazida por seu avô ficou com seu tio Reuven, que levava o nome do seu bisavô e ainda está entre os seus.

Mas nas casas de todos seus familiares e de quase toda família judia originária do Marrocos, lá está Ribí Shimon Bar Iochai.

É que ele, aquele santo sagrado e justo, traz com ele a eterna presença da *Sejiná* (divina presença de Deus), que a cada *Sabbát* visita as casas de todos aqueles que conseguem perceber Sua presença sagrada. ★

Obs. Usamos como modelo de grafia da haquitia, o livro de Abraham Ramiro Bentes z'l, “Os Sefardim e a Haquitia”.

COMO SERÁ 2021?



Para nós será um ano de novidades!

Alguns poderão dizer que nós, na Redação, temos um quê de arrogantes. Não, não temos. É que possuímos, como uma de nossas facetas, pensar sempre pra frente. E pensar grande, ah, isso sim!

O mundo vive, atualmente, uma das mais angustiantes e difíceis fases de sua história. Muitos dizem, ao falar sobre mudanças consequentes da pandemia da Covid 19, que vivemos “um novo normal”. Fato é que, no futuro, nossos dias serão vistos como um divisor de águas da História da Humanidade.

“Novo normal” ou não, tentaremos seguir, como sempre o fizemos, otimistas, dinâmicos e **novidadeiros** (mas sem fofocas, é tudo verdade!)

E quais serão nossas novidades para 2021? Vamos começar por lembrar que a **Amazônia Judaica (AJ)** é hoje constituída pelos seguintes elementos:

- * Portal Amazônia Judaica
- * Arquivo Histórico Amazônia Judaica – AHAJ
- * Editora Amazônia Judaica
- * Universo Sefarad

Para o novo ano que vem por aí, AJ lançará dois novos segmentos em suas atividades:

- * CEJA – Centro de Estudos do Judaísmo Amazônico
- * AMAZÔNIA JUDAICA TV

E quais são os motivos da criação de tais segmentos?

O CEJA surge para ir ao encontro de uma

demanda cada vez maior de pesquisas, estudos e publicações relativos à presença judaica na Amazônia.

Assim, além do **AHAJ – Arquivo Histórico Amazônia Judaica** -- que por 10 anos vem atendendo a pesquisadores e estudiosos em geral com sua biblioteca, acervo histórico, hemeroteca, fototeca e videoteca, entre outros serviços, o **CEJA** terá, como objetivo maior, congregar o público interessado em scursos, palestras, debates, eventos acadêmicos e culturais, sejam eles organizados pelo próprio **CEJA** ou em parceria com outras instituições e centros de estudos.

Seguindo as novas tendências (o que alguns diriam ser consequência e parte integrante do “novo normal”) e utilizando-se das mídias digitais ao vivo ou não, lançaremos **AMAZÔNIA JUDAICA TV**, através da qual todas as atividades do **CEJA** e de todos os elementos que compõem o **Amazônia Judaica** serão realizados e disponibilizados na sua tela de TV.

E assim, acreditamos estar contribuindo ainda mais com os nossos seguidores, usuários e demais interessados.

Ah! Então ninguém poderá dizer que não somos os mais “novos normais” do pedaço!

Estamos preparados! Que venha 2021!

editora
amazonia
JUDAICA

portal
amazonia
JUDAICA

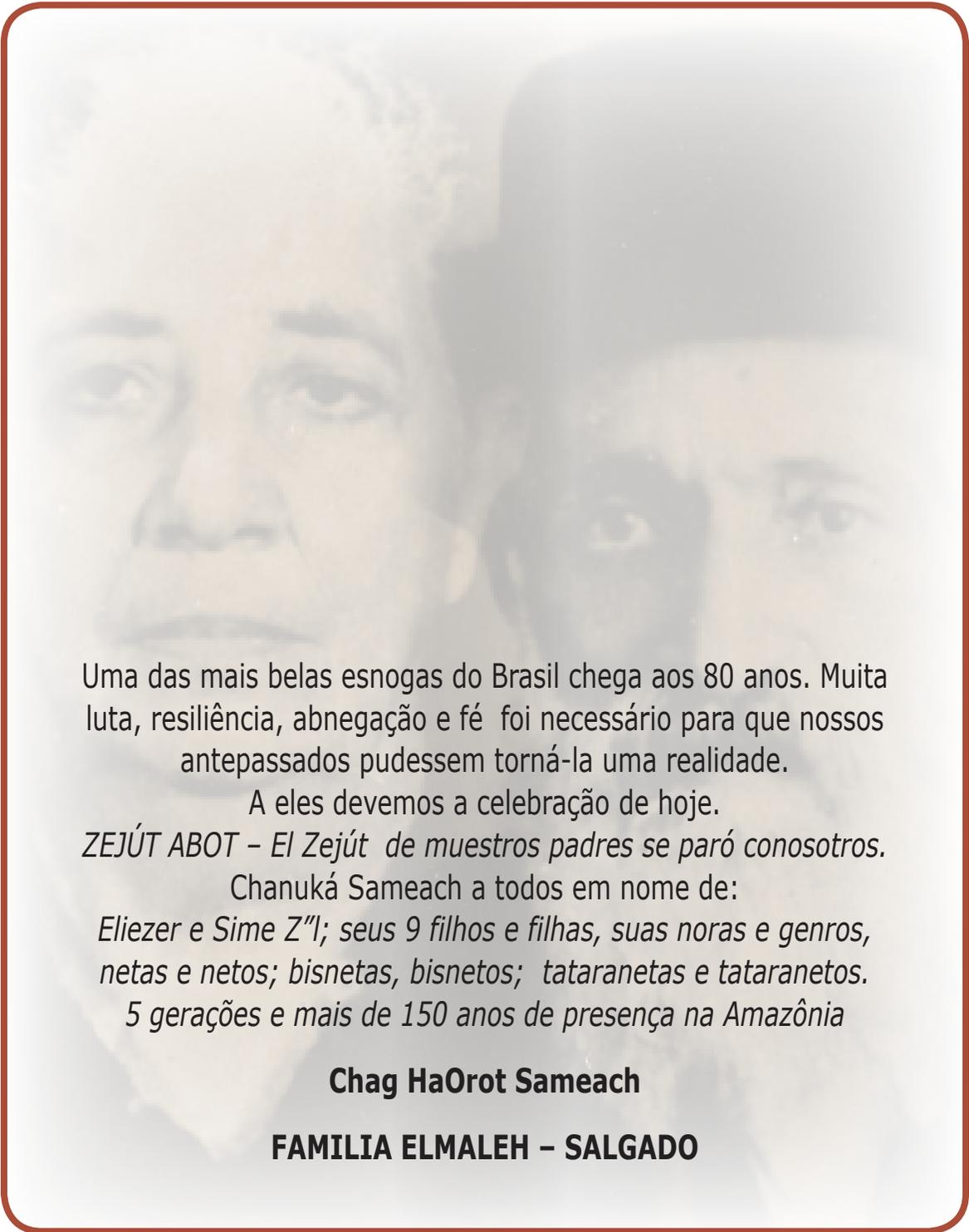


Universo
Sefarad





O Comitê Israelita do Amazonas parabeniza a Esnoga Shaar Hashamaim pela passagem dos 80 anos de fundação do seu grandioso Templo.



Uma das mais belas esnogas do Brasil chega aos 80 anos. Muita luta, resiliência, abnegação e fé foi necessário para que nossos antepassados pudessem torná-la uma realidade.

A eles devemos a celebração de hoje.

ZEJÚT ABOT – El Zejút de nuestros padres se paró conosotros.

Chanuká Sameach a todos em nome de:

Eliezer e Sime Z"l; seus 9 filhos e filhas, suas noras e genros, netas e netos; bisnetas, bisnetos; tataranetas e tataranetos.

5 gerações e mais de 150 anos de presença na Amazônia

Chag HaOrot Sameach

FAMILIA ELMALEH – SALGADO



Um Chanuká com muita paz, saúde e que D-us abençoe cada família. Que as luzes de Chanuká, iluminem nossos caminhos com liberdade de expressão, diversidade e pluralismo, tão importantes em nossa sociedade. Congratulações pela comemoração dos 80 anos do majestoso Templo da Esnoga Shaar Hashamaim. É o que desejam, David Mendel e Shimon Ely, orgulhos da família Rodrigues Pinto.

Chag Chanuká Sameach.

Jaime e Anne Benchimol e família, parabenizam a Esnoga Shaar Hashamaim pelos 80 anos de construção do seu esplendoroso Templo **Chanuká Sameach a todos**

Jaime Benchimol

Sinagoga Shaar Hashamaim

Símbolo de um judaísmo vivo e atuante, que, segue através de gerações, reunindo pessoas, famílias e fortalecendo nossas tradições.



Com alegria, a família de Raquelita e Fortunato Athias se congratula com a comunidade judaica do Pará, no 80º aniversário da sinagoga, construída por seu tio, o saudoso engenheiro Judah Eliezer Levy z"l.

Com imenso júbilo pelos 80 anos da nossa querida Esnoga Shaar Hashamaim, parabenizamos toda nossa kehilá e desejamos a todos **Chag Chanuká Sameach**

Abraham Kabacznik e Família

O CIP – CENTRO ISRAELITA DO PARÁ, COM ORGULHO IMENSO, E EM NOME DE TODA A KEHILÁ DE BELÉM, VEM PARABENIZAR O KAHAL KADOSH DA ESMOGA SHAAR HASHAMAIM PELOS 80 DE CONSTRUÇÃO DE SEU GRANDIOSO TEMPLO



LANÇAMENTO!

Livro único
em seu gênero
em todo o
mundo.



*Adquira o seu
em nossa loja virtual:*

www.amazoniajudaica.com.br

